

A SEXUALIDADE DE VELHOS ATRAVÉS DE SUAS MEMÓRIAS

Natan da Cruz Lemes¹
Letícia Leodoro de Oliveira²
Marinaldo Fernando de Souza³

1 Introdução

Com o avanço da tecnologia e dos aparatos que garantem o bom funcionamento do corpo e mente, bem como o crescimento da implantação de políticas públicas especializadas para o envelhecimento, a expectativa de vida passa a ser cada vez mais longeva. Evidentemente tais números tendem a sofrer alterações se considerarmos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, com todas as suas diferenças na área da educação, saúde, qualidade de vida, políticas de renda mínima, oportunidade, etc. (Sales et al., 2024). No Brasil, a expectativa média de vida entre homens e mulheres era de 73,4 anos, atualmente passa a ser de 77 anos e somente a partir dos 60 anos de idade, um indivíduo passa a ser classificado como idoso (Brasil, 2023).

Este prolongamento da vida não é um fenômeno neutro; ele traz consequências significativas para diferentes âmbitos da existência das pessoas. O aumento na expectativa de vida impacta profundamente em setores sensíveis ao estado, como previdência social, assistência social e saúde. As pessoas precisam trabalhar para além do aumento do tempo natural para a aposentadoria, soma-se os inúmeros ataques aos direitos trabalhistas e a precarização do trabalho no Estado cada vez mais neoliberal. Outro ponto importante, a longevidade crescente também implica no bem-estar dos idosos, afetando sua qualidade de vida e o suporte necessário para uma vida satisfatória e saudável na velhice.

Em que pese a melhoria da qualidade de vida das pessoas velhas a partir dos avanços citados, é importante ressaltar que há um tensionamento ideológico, entendido aqui como uma fantasmagoria ou falsa consciência, que reproduz a ideia de um corpo inexoravelmente incansável, a saber: a ideia da melhor idade, da produtividade, as subjetividades que não se exaurem (de uma mente que não se cansa, a necessidade de ser sábio), além de uma vida sexual ativa (graças ao avanço da tecnologia) e a busca e manutenção de um corpo ideal. Corpos,

¹ Psicólogo, pela Universidade Paulista – UNIP Araraquara, <https://orcid.org/0009-0006-7125-7067>, natan.c.lemes@gmail.com

² Psicóloga, pela Universidade Paulista – UNIP Araraquara, <https://orcid.org/0009-0007-2126-4776>, leticialeodorooliv@gmail.com

³ Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação Escolar pela UNESP FCLAr, professor e supervisor na Universidade Paulista – UNIP Araraquara, <https://orcid.org/0009-0000-9077-121X>, marinaldo.souza@docente.unip.br

cansados e deteriorados devem servir o quanto podem como força de trabalho e assim que não conseguirem mais cumprir essa função podem ser descartados e colocados de lado. O ocidente não se importa com as vivências, com a sabedoria anciã e muito menos com a memória, esses indivíduos só são úteis enquanto fazem girar o capital (Bosi, 2023).

A velhice também é associada, pois espera-se desses indivíduos o exercício e a prática da memória, esse complexo pode ser definido como o esforço para trazer a superfície aspectos subjetivos do sujeito, levando-o a retornar sua memória de vivencias passadas ao seu mundo exterior, do ponto de vista da psicologia profunda, a constrição do pensamento e das memórias aproxima-se a uma psicodinâmica psicótica, portanto, condição para o sofrimento mental e degradação do desejo, que é fonte principal do reconhecimento dos afetos, emoções e sentimentos.

Do ponto de vista sociológico, também tratado aqui como objeto teórico de complexidade, a memória traz ideias capazes de nutrir e reviver os pensamentos de indivíduos e grupos, por isso, a ausência da memória significa que não só o indivíduo é inexistente, mas as suas relações e laços nutridos por essas lembranças já não existem mais, logo, o grupo também é inexistente (Rios, 2013).

Por isso, a memória é tão importante, pelo aspecto de construção e entendimento de mundo, mas também pelo sentimento de capacidade, utilidade e retorno da libido para o idoso. Portanto, impedir e desvalorizar a memória do velho é destruí-lo, pois não se trata apenas de lembrar ou reviver, mas sim refazer, reconstruir o passado frente as possibilidades do presente (Oliveira, 2008).

Envelhecer é um processo individual e coletivo, inescapável, e, portanto, natural (não patológico). É a última etapa do ciclo vital, em que se ocorre “diminuição” motora, cognitiva, certa vulnerabilidade, menor resistência a morte e o acúmulo de uma vida de perdas, mas também de histórias de vida (Neri, 2001).

Mesmo com uma população cada vez mais velha, ainda se trata a velhice como estigma a ser enfrentado. É por esse motivo que esse período da vida é “cravejado” de preconceitos. A perca de autonomia, o declínio físico, a baixa participação no giro do capital, o afastamento social, e a dificuldade em adaptar-se e reinventar-se são exemplos dessas dificuldades (Whitaker, 2007).

Além desses problemas bem conhecidos, surge outro, frequentemente varrido para debaixo do tapete: a sexualidade, objeto central de investigação desse trabalho. (PASCUAL, 2002).

A sexualidade é um constructo multifatorial presente em todos os indivíduos (e sociedades) amplamente discutida através dos tempos, que pode ser representado como: amor, afeto, carinho, desejo, atividade sexual e o erotismo. Além dessas formas tradicionais, na contemporaneidade a discussão acerca de sexualidade e gênero invade novos territórios, tal como afirma Judith Butler (2018), que dá novas cores e definição a sexualidade e ao gênero, diferenciando-os do sexo natural, colocando-os como uma performance social, realizada por todos os indivíduos. Portanto, tal função, a sexualidade, é fundamental para a existência humana, sendo considerada fator importante para a saúde e bem-estar dos indivíduos (Júnior et al., 2020).

Um dos primeiros autores a se dedicar nos estudos sobre sexualidade e de suas funções para a vida dos indivíduos foi Freud. Em meio ao conservadorismo vigente nos círculos médicos e sociais de Viena do século XIX, Freud traz à luz uma sexualidade presente desde o nascimento. Para além das práticas sociais e morais, Freud tratava a atividade sexual como algo posterior ao desenvolvimento sexual das pessoas, defendia que o amadurecimento da sexualidade, isto é, o momento em que a libido de fato é aproximada de um objeto de desejo, demandava muito mais tempo do que a puberdade, sendo construída desde a primeira infância (Freud, 2016).

Freud traz a sexualidade como peça importante para o entendimento do ser humano, muito além do significado exclusivo de reprodução, com a ideia da libido e seu caráter fundamental para a movimentação da vida, a força motriz da existência. Por esse motivo, essa energia deve estar presente e circulando em todas as etapas da vida, inclusive na velhice (Freud, 2010).

A sexualidade na velhice pode ser a oportunidade para experimentar uma verdadeira intimidade, cumplicidade e reconhecimento nas relações. A oportunidade de se conhecer e transformar a libido depositada ao outro pode ser positiva e transformadora, possibilitando aspectos outrora não vivenciados, como o carinho, afeto positivo e comunicação saudável e eficiente (Arnold-Cathalifa et al., 2008).

Todavia, quando se pensa a sexualidade é comum que se retire da equação os velhos. Pensa-se nos idosos como seres assexuais, aquém dos desejos e prazeres humanos. No que tange a sua sexualidade, os velhos têm de enfrentar enormes tabus e dificuldades. A rigidez muscular, as juntas sem flexibilidade, a dificuldade de manter uma ereção e a perda de lubrificação são aspectos físicos que dificultam um desempenho sexual nessa idade (BARBOSA et al., 2022).

Essas novas dificuldades adquiridas trazem mudanças também nos aspectos emocionais.

Para a maioria dos idosos, o erotismo e a sexualidade são vinculados exclusivamente ao ato sexual, sem conseguir atribuir esse gozo a outras atividades, e como, na rigidez de uma velhice se aprende novas formas de prazer? (Uchôa et al., 2016).

Esse pensamento em “companhia” aos impedimentos sociais dificulta e muito o prazer na velhice. O tabu colocado pelos próprios velhos vincula-se a um tabu social que se solidifica em instituições como: família, religião e asilos. Nem mesmo o poder público enxerga nos idosos pessoas ativas sexualmente, se pode então perceber os altos índices de IST’s, pois mesmo com esses dados desvelando uma vida sexual ativa desses velhos, ocorre ainda a inexistência de programas ou campanhas que abrace essa comunidade, afinal. (Sales et al., 2024).

Entretanto, no campo das ideias há a identificação do idoso como figura respeitada e ativa, com seus desejos pulsionais visualizados e o exercício da sexualidade acontecendo, promovendo saúde e qualidade de vida, pelo menos essa é a posição do Ministério da Saúde no que tange o velho e sua sexualidade (Souza Júnior et al., 2021).

O campo da saúde, que deveria acolher e desestigmatizar os idosos e sua sexualidade não é capaz de criar mecanismos de políticas públicas e espaços de comunicação para essas pessoas. Tal assertiva orienta nossa perspectiva analítica e já cumpre lembrar que tantos elementos captados da subjetividade dos velhos quanto os aspectos institucionais que demarcam características de controle dos corpos serão trazidos na análise desse texto – não impedindo olhar para aspectos que diferenciam dessa hipótese inicial.

Os idosos frequentemente se veem acanhados frente a profissionais de saúde que paralisam com a mesma vergonha frente aos idosos e sua sexualidade (Vieira; Coutinho; Saraiva, 2016). Para transformar tal cenário propõe-se maior divulgação de informações para os profissionais que atuam na geriatria, para que munidos do conhecimento possam ajudar e responder, sem preconceitos ou rodeios, as questões levantadas pelo idoso acerca de sua sexualidade. Graças a confiança obtida pelo convívio longitudinal, deposita-se nessas figuras a melhora do Sistema de Saúde (Evangelista et al., 2019).

Todavia, depositar nos profissionais uma responsabilidade social é cruel. Se faz necessário o desenvolvimento de medidas que envolvam o governo e suas competências, além da família, trabalhando em conjunto com a assistência social, saúde e educação, por exemplo, para adquirirem conhecimento acerca da sexualidade de seus velhos, afinal essas pessoas também envelhecem (Souza Júnior et al., 2021). Mas e quanto aos velhos que não residem com a família?

A velhice pode conter aspectos ainda mais desafiadores quando se pensa nas instituições

de longa permanência, asilos, lares de idosos, vilas etc. Essas instituições podem ser classificadas como instituições totais. Elas têm primeiramente o caráter de fechamento, criando um “mundo” próprio em seu interior, para tanto, utiliza-se de barreiras físicas como: muros, portas, cercas, restrição de visitas, etc. (Goffman, 2019).

Além disso, as instituições possuem outras características em comum, a primeira delas é que dentro de seu espaço restrito, de seu “mundo interno” e somente nele, os asilados devem cumprir as 3 funções sociais modernas pontuadas por Goffman (2019): dormir, brincar e trabalhar, funções essas outrora desenvolvidas em múltiplos espaços. Nas instituições totais, os horários de atividades são restritos e coordenados por uma autoridade centralizada, até mesmo as atividades de lazer e diversão devem passar pelo crivo institucional, com limites de tempo e de atividades.

Outra característica é que os internos nunca estão sós. Fazem todas as atividades em grupos, até mesmo dormir, com as divisões dos quartos. Estamos falando portanto, de um corpo “coletivo” que pode ser mais fácil de se controlar e individualidades que inevitavelmente (respeitando a força das resistências que não sucumbem às violências) forçadas ao retraimento das forças desejantes da psiquê. A vigilância é realizada por uma equipe especializada, mas também efetuada pelos próprios internos. Eles se vigiam, se delatam, se controlam e se punem. Não é à toa que tradicionalmente essas instituições são arquitetadas fisicamente como o panóptico, ou seja, as celas ou quartos desenhadas uma de frente para a outra, em formato de U de forma que possam ser vigiadas a todo momento, e a administração, de um único ponto, ter plena visão dos asilados (Foucault, 2013).

Nas instituições asilares, a prática da sexualidade pelos internos que conseguem ainda exprimir esse complexo (que para isso tiveram que enfrentar não só as diversas barreiras citadas anteriormente, mas também as barreiras do espaço físico das instituições) é subjugada e tratada como produto da demência (Júnior et al., 2020), desvelando o problema institucional, social e da saúde como um todo, de pensar o idoso e sua sexualidade.

Por isso, quando refletimos em idosos e sexualidade, prontamente somos levados pela ideia ligada ao sujeito, restrito e ignorado, fato que amplifica a responsabilidade dos velhos e mascara a face de controle social e institucional. Nesses espaços, é comum que as pessoas velhas percam sua autonomia, os domínios dos contornos corporais e territoriais que antes tinham em suas casas, seu reconhecimento de participação na produção de trabalho e capital, suas escolhas e seus costumes e as inevitáveis transformações vitais que influenciam e expressão da sexualidade – no pior dos casos, os seus desejos, os controles dos afetos, emoções e sentimentos

2 Desenvolvimento

Este trabalho é de natureza qualitativa, utilizando uma abordagem exploratória para compreender o contexto em que os idosos de um asilo vivem e como a instituição impacta suas vidas, principalmente no que se refere ao exercício de sua sexualidade. A pesquisa qualitativa valoriza a contextualização dos fenômenos estudados, reconhecendo que os significados são construídos no contexto social e histórico em que os sujeitos estão inseridos (Minayo, 2014).

A sexualidade – conceito controverso e ideia ainda pensada como um tabu na velhice - tornou-se objeto central deste trabalho de forma espontânea, indicando a importância da escuta cuidadosa para não obstaculizar a produção intersubjetiva, muitas vezes paralisada por preconceitos. Para tanto, destacamos a importância da apreensão das História de Vida, com especial valorização do esforço para trazer a superfície as Memórias que deram contornos às vidas das pessoas com as quais nos relacionamos, a saber: pessoas velhas de 60 a 95 anos, moradoras de uma Instituições de Longa Permanência.

Assim, a partir da Atividade de um estágio em Estratégias do Trabalho do Psicólogo na Saúde Pública optamos por caminhos teórico-metodológicos inspirados nas Teorias da Complexidade (Morin, 1993). A complexidade começou a ganhar contorno quando, do ponto de vista sociológico, centramos as análises nos processos ideológicos da sociedade capitalista neoliberal: - o esquecimento e a rememoração atravessados pela ideologia e suas intenções de manipulação dos desejos individuais e coletivos; - pela destruição deliberada do patrimônio sociocultural para a sua ressignificação; - uma reinvenção da tradição para a colonização de corpos e mentes (Whitaker; Fiamengue; Velôso, 2010).

A instituição é composta por 5 mulheres e 8 homens residentes que possuem entre 60 e 90 anos, por uma equipe permanente, composta por 2 enfermeiras, uma cozinheira e uma faxineira, escaladas semanalmente pela Vila. O asilo é uma instituição de pequeno porte, que oferece assistência integral aos idosos, muitos dos quais possuem condições de saúde crônicas e limitações físicas.

Para obtenção dos dados, optou-se pela utilização de algumas técnicas tradicionais no campo da sociologia e antropologia, que por seu caráter sério, eficaz, investigativo e humanizado, contribui muito para o campo psicológico e para a pesquisa como um todo. Trata-se da técnica de Pesquisa Participante e de forma complementar História de Vida, combinada com a História Oral e a utilização do Diário de Campo.

A pesquisa participante, é uma abordagem metodológica que visa uma colaboração ativa entre pesquisadores e participantes, transformando a dinâmica tradicional da pesquisa. Vale destacar que nesta abordagem os participantes não são meros objetos de estudo, mas sim “co-investigadores”, que contribuem para a coleta e interpretação de dados. Isso promove uma maior inclusão das perspectivas dos sujeitos e enriquece o processo investigativo (Brandão, 1988).

Brandão (1988) enfatiza que a pesquisa participante permite que os pesquisadores e os participantes trabalhem juntos para explorar e compreender questões relevantes para a comunidade estudada. Essa colaboração mútua resulta em uma pesquisa que é mais reflexiva e ajustada às realidades dos participantes. O autor argumenta que, ao adotar a pesquisa participante, a metodologia torna-se um meio para transformar a realidade dos indivíduos e não apenas para observar e descrever essa realidade.

Nesse contexto, a pesquisa sobre a sexualidade dos idosos em um asilo utilizará a pesquisa participante para garantir que a investigação seja conduzida de maneira a refletir as reais preocupações e experiência dos residentes. Essa abordagem permitiu a tentativa de análises que pudessem mergulhar na ideia de um conceito seminal de “envelhecimento total”, a partir do qual a compreensão do envelhecimento passará necessariamente pela complexidade das trajetórias das “Idades da Vida” (Ariès, 1973).

Como a atuação do psicólogo tradicionalmente está ligado a uma escuta qualificada, o desenho de uma pesquisa cujo a História Oral fosse o método utilizado, foi traçado naturalmente na instituição. História Oral é uma mistura de posição, métodos e técnicas utilizadas a fim de dar voz a uma parcela da sociedade tradicionalmente marginalizada, por isso, cobra de seus realizadores um lugar ideológico, de compromisso com essa população (Simson et al., 2001). Para a obtenção da confiança e do diálogo com os participantes, os entrevistadores devem se vincular verdadeiramente aos pesquisados, por isso um diálogo informal, sem a rigidez de perguntas e respostas é o ideal, deve-se pensar em uma verdadeira interação social (SIMSON et al., 2001; Whitaker; Fiamengue; Velôso, 2010).

É importante não cair na quimera de se tornar parte do grupo, pois como todas as interações possuem uma relação de poder, nessa não seria diferente (Bourdieu, 1999). Por isso, utilizar dessa tensão, de ser um ente de fora naquele espaço, bem como as expectativas e desejos de ambos os elementos dessa relação, devem ser utilizadas a favor do pesquisador. De forma que ocorra certo mutualismo nessa interação, o pesquisador capturando as informações e o entrevistado falando, se colocando e ensinando (Simson et al., 2001).

É inevitável que se compare o discorrido acima com a prática terapêutica e a “cura” através da fala, tão naturalmente associado a prática do psicólogo. Como ponto positivo, também se enxerga na História Oral o empoderamento dessa população marginalizada, no caso, dos idosos do asilo, que passam a ser reconhecidos, visualizados e importantes para aqueles que colhem seus relatos (Whitaker; Fiamengue; Velôso, 2010).

Quanto a organização dos relatos apreendidos com os métodos supracitados, foi utilizado o Diário de Campo. Esse recurso amplamente adotado nas ciências humanas e na etnografia, se dá com o relato detalhado do pesquisador em formato de diário, contendo as informações sobre o que o pesquisador vê, o que se sente quando vê, o seu olhar sobre as situações e sentimentos anteriores e o olhar sobre quem, quando, sobre o que sente e apreende, se colocando também nas páginas escritas (Souza; Whitaker, 2014).

Esse exercício extremamente complexo e pessoal possibilita certas vantagens em um estudo etnográfico, ou qualquer outro que se propõe efetivamente a estudar uma população ou grupo. Dentre os benefícios do diário de campo, o primeiro e notório é sua capacidade de confronto aos lapsos e erros da memória (Whitaker, 2002). Ou seja, possibilita que conteúdos ouvidos, percebidos e/ou sentidos, não se percam nas profundezas da memória, de forma que não possam ser resgatadas com o tempo.

Outra vantagem significativa se dá na capacidade reflexiva que os pesquisadores podem atingir com o diário de campo. Rememorar as informações para compor o diário, reler novamente o material para enfim iniciar a construção da pesquisa, possibilita uma nova compreensão dos fenômenos experimentados, propiciando maior reflexão acerca dos temas, insights despercebidos no calor do momento e uma análise mais completa, com as recordações dos afetos vivenciados na coleta de informações. Para tanto, o método exige certo rigor, continuidade e preocupação metodológica, para romper com marcas ideológicas que cada indivíduo carrega consigo (Souza; Whitaker, 2014).

Cumpre lembrar que o objetivo desse trabalho não é um estudo específico sobre a sexualidade humana, mas a apreensão de aspectos da sexualidade no envelhecimento, a partir das narrativas de pessoas velhas em situação asilar. Respeitando os indivíduos e buscou-se transcrever os discursos orais dos velhos de forma a não os descharacterizar e nem caricaturizar suas falas (Whitaker et al., 1995).

Após a chegada na instituição e as primeiras percepções obtidas no local, vários temas emergiram, tais como: a mobilidade na velhice, as doenças, as formas de pensar e falar (já anunciando a dificuldade de as pessoas aguardarem o tempo da escuta), a relações institucionais

principalmente com os funcionários e com os estagiários.

Aos poucos o objetivo central foi se transformando, e análise das experiências emocionais sobre sexualidade ganhou também a preocupação com os caminhos teórico-metodológicos - ideia a partir das supervisões dos estágios, que fora sustentado pela psicanálise, mas que foi lançando mão de abordagens sociológicas, da historiografia, da antropologia e da saúde coletiva.

As falas iniciais dos idosos refletiam o dia a dia na instituição, bem como os incômodos psicológicos e físicos vivenciados:

“Hoje não tô bem, a dor na perna está difícil. Ela formiga e queima igual fogo (enquanto passa as mãos na perna). Hoje nem saí pra caminhar de manhã.” (Seu Jairo)

“Eu não gosto da comida daqui. Fica dando bolacha de maisena e café só, quando tem bolo é sem recheio.” (Saulo)

“Eu queria voltar para Cafelândia, pra minha casa... A minha casa era grande, depois que vim pra cá não sei mais dela” (Dona Neiva)

“O filho, eu estou com saudade dos meus filhos. Faz tempo que eles não vêm” (Dona Claudia)

“Você vai morar aqui é? Fica vindo toda semana pra cá ficar falando (dizia em tom nervoso e de reprovação)” (Seu Adolfo)

“Olha a minha pitiquinha (mostrando a foto da cachorra no celular), eu vejo ela quando minha sobrinha vem me buscar. Queria que ela ficasse aqui, mas aqui não deixam ter bichos. Ia ser bonitinho ela aqui né?” (Dona Clara)

Não se esperava outro comportamento, as relações estavam sendo identificadas e construídas, a segurança e confiança se desenvolvendo e o vínculo sendo estabelecido, há um tempo cronológico, (também lógico), o que naturalmente demandou dos pesquisadores o exercício hospitalero de aguardar a formação de vínculos e rompimento de obstáculos epistemológicos e ontológicos. (Godoy-Pozo et al., 2023).

Paulatinamente o tempo cronológico foi dando espaço para o tempo afetivo, uma sexualidade foi sendo mostrada nos estágios, através do carinho e maior toque físico, das falas sobre a quantidade de filhos, dos relacionamentos passados e do desejo ainda pungente, tal como se expressam nos trechos que se seguem:

“(enquanto acariciava o rosto do estagiário homem) Sua namorada não acha ruim não né? Você é lindo filho, me dá um beijo?” (Dona Cláudia)

“Fui casado 5 vezes, eu gostava da coisa. Mas tive filhos só com a primeira. A segunda

e terceira eu não consigo nem lembrar o nome” (Seu Perez)

“Eu fui casada... ele era bonito e forte, a gente teve 6 filhos” (Dona Neiva)

“Eu não casei, fiquei sempre solteirão, uma vez que quase casei mas não deu certo, mas sempre fiquei com mulher por aí” (Seu Bruno)

“Gosto dessa enfermeira que me troca, ela é uma mulata bonita” (Saulo)

Nesse período uma nova visão tomou conta dos estagiários, que até então carregavam o pensamento invadido por uma ideologia (brilhantemente transformadas), que formata os preconceitos, de que por conta das dificuldades físicas, emocionais e sociais, os idosos não mais exerciam a sexualidade. Ali, naquele ambiente controlado, cercado, por vezes triste, e com tanto conformismo, havia libido. Havia potência e um desejo de compartilhar essas histórias.

Antes de prosseguirmos realizamos intensas discussões a partir de Lucien Goldmann (1979), sobre “o limite da consciência possível” para que a narrações fossem preservadas em sua originalidade.

O Tabu da sexualidade, isto é, a proibição e o caráter profano, arrasador, mantido e reconstruído geração após geração (Freud, 2013), alimentado pelos velhos e pelos estagiários, impactou de forma intersubjetiva, com falas “inimagináveis para aquelas figuras”:

“Eu me lembro da Fafá de Belém, ela tinha uns peitões. Bati muita punheta para ela quando saiu na revista pelada. Eu lembro da minha primeira revista de mulher pelada, eu peguei e escondi ela lá nas madeiras do seleiro da fazenda, pra ninguém mais achar ela. Eu ia todo dia lá escondido pra bater uma” (Seu Perez)

“Eu queria alguém assim, pra ficar junto sabe, conversar, dormir junto, eu não me importo se a pessoa é branca, preta, se é cadeirante, sabe? Se ela quiser e gostar, isso não importa (dizia ela enquanto falava de suas tentativas de aproximação de um interno cadeirante)” (Dona Clara)

“A Cláudia mesmo na cadeira de roda dava trabalho, tinha um outro velho aqui, que já morreu, que passou uma vez aqui, ele ainda andava, pegou a Cida na cadeira e levou lá pra trás, onde secam as roupas. As enfermeiras chegaram pé por pé lá e pegaram ela fazendo uma chupetinha no veio, foi só o grito de ‘Bonito né?’ (enquanto ria). Agora que ela sossegou... Uma outra véia dormia com o marido e de madrugada a gente ouvia “Ai Zé, Ai Zé”. Não tem mais isso aqui, o pessoal ficava bravo” (Saulo)

“Bota filme de mulher pelada, de mulher pelada (Dizia quando perguntado que filme queria assistir na nova TV)” (Laurindo)

Os idosos percebem e pensam em sexualidade apenas como os desdobramentos do ato

sexual, propriamente dito, sem conceber que ao se lembrar dos relacionamentos, demonstrar carinho, afeto e fazendo brincadeiras estão exercendo a sexualidade (Uchôa et al., 2016).

Com um novo olhar acerca da sexualidade dos idosos da instituição foi possível conceber alguns aspectos outrora despercebidos. Pôde-se perceber nas falas, histórias e comportamentos a existência desse fenômeno natural a todos os humanos. Também, perceber as singularidades de cada um dos 13 idosos e como a própria sexualidade era sentida e expressada por cada um.

Apesar das diferenças sociais experimentadas pelos internos, da falta ou excesso de retraimento ao abordar a sexualidade, das maneiras distintas de se falar de sexo, carinho, necessidades afetivas e desejos, alguns de forma clara, sem medo nem vergonha de serem ouvidos, como os relatos anteriores, outros fazendo grandes voltas para amenizar o peso de suas colocações, um elemento comum aparecia em todos os relatos colhidos, a memória.

“Lembro do meu marido, ele era mão de vaca, não levava para sair, a gente ficava em casa, quando era mais novo fazia as coisas (refere-se aqui ao ato sexual), depois de velhos já não” (Dona Clara)

“Os filhos que tive vieram um atrás do outro, (entre risos), sim filho eu trabalhei bastante” (Dona Neiva)

“Trabalhava bastante... dava umas puladas também né... (se refere as “puladas de cerca”)” (Seu Jairo)

Os corpos cansados, sem mobilidade (apenas 4 dos participantes de locomove sozinho), presos a uma cadeira durante todo o dia, são o que pode-se chamar de corpos “dóceis”, ou seja, corpos submissos e à mercê de quem os dirige, que podem ser colocados, posicionados e transformados sem nenhum tipo de resistência (Foucault, 2013). Quando se pensa na Instituição de Longa Permanência esse conceito passa a atuar não só no campo das ideias, mas também no espaço físico, afinal onde são posicionados esses velhos permanecem.

Mediante tais barreiras impostas pela condição física, mas que não oferecem impedimentos para as recordações e memórias, resta a eles um “mergulho” e utilização da memória para validar e exprimir a sexualidade, como comprova perfeitamente os relatos:

“... aqui não tem mulher, mesmo que tivesse, olha o jeito que eu estou (apontando para as pernas imóveis na cadeira de roda), então eu lembro do que já aprontei, das histórias e morro de saudades” (Seu Perez)

“...fico pensando onde está a coleção de filmes pornô que eu tinha, lembro de vários, os filhos da minha irmã que devem ter aproveitado” (Saulo)

“Fico me lembrando do meu marido e de como a gente era feliz” (Dona Clara)

“Meu marido foi muito bom para mim e para meus filhos, nunca vou encontrar homem igual ele, lembro dele sempre” (Dona Inês)

Sendo a memória não só mera repetição dos fatos, mas sim certa reconstrução, tendo como alicerce acontecimentos passados, mas misturando as experiências presentes solidificando dessa forma, a cada memória algo próprio, diferente (Oliveira, 2008). Pode-se pensar no aspecto dialético entre a memória e a sexualidade, em que uma é ao mesmo tempo construída e influenciada por outra.

Pensando ainda sobre esses aspectos, podemos perceber como a memória trata-se de uma construção que traz consigo elementos individuais e pessoais, mas também sociais, relacionados a estrutura e ideologias da sociedade de quem se lembra (Bosi, 2023). Também na psicologia profunda, a memória quando repetida, pode trazer à tona um quadro importante acerca da saúde mental. É válido enfatizar essa complexidade, pois a memória é algo que precisa ser narrada e entendida, pelo ponto de vista sociológico, sem que se fixe em uma constrição do ponto de vista psicodinâmico.

A memória e a sexualidade, ou melhor, as memórias acerca da sexualidade possuem caráter distinto entre homens e mulheres. Tal fato é consequência da diferença cultural à qual os gêneros são submetidos em nosso meio social, como comprovam os relatos colhidos:

“Eu aprontei muito na minha vida, tinha uma mulher em cada cidade. Eu tinha um fusca azul, ele era lindo, eu andava pra todo lado com ele. Lembro de uma vez que fui pra uma cidade, aqui da região, peguei uma puta e comi ela dentro do carro, eu fazia muito essas coisas. Cheguei em casa e inventei pra mulher que o carro tinha quebrado e ela acreditou!” (Seu Perez)

“Eu fui casado muito tempo, trabalhei muito, era só eu e ela, a gente não teve filhos. Eu traí ela, você sabe como é né, eu sou famoso na cidade, as pessoas me conhecem e me cumprimentam, sempre fui querido. Mas eu cuidei dela até ela morrer, mas casei de novo viu. Ela morreu e eu logo me juntei com uma outra, mais nova, mas não deu certo” (Seu Jairo)

“Eu juntei com uma mulher aqui na Vila já, a gente dormia junto, ficava junto, mas não fazia mais nada, só dormia. Ela até queria casar, mas eu não quis, tô velho, ela era mais velha que eu, a gente já não ia ter uma vida de casado, não trepava mais.” (Seu Bruno)

“O meu primeiro marido me traia muito filho, era ruim demais pra mim, me batia e tudo. Ele adorava meu cabelo grande de índia, um dia ele me enfezou, eu cortei o cabelo curtinho, ele brigou comigo ‘Por que você fez isso?’ e eu ria... Ele batia, uma vez eu não

aguentei e fui embora. O segundo marido era bonito, trabalhador, amigo do seu avô (descobriu-se que o avô de um dos estagiários trabalhou com o segundo marido dela), mas ele bebia e ficava bravo, quando ele morreu eu dei graças a Deus” (Dona Cláudia)

“Depois dele (o marido que faleceu), eu nunca mais tive ninguém na minha cama, Deus é testemunha! Por quê? Porque eu respeito ele e ele era bom pra mim e pras crianças, fiquei com medo de juntar com alguém que me judiasse” (Dona Inês)

“Meu marido morreu cedo, nunca mais casei depois, cuidei da casa, criei os filhos, até eles me colocarem aqui” (Dona Neiva)

“Eu queria alguma outra coisa (refere-se a outro matrimônio), mas aqui já era, igual vocês dizem né? A gente não sai, fica aqui o dia todo, não conhece mais ninguém, e as pessoas daqui são estranhas, não conversam” (Dona Clara)

O primeiro grupo (os homens) aborda a sexualidade exclusivamente como o ato sexual, rememoram em seu discurso, os corpos femininos, a própria virilidade, o desejo ainda presente, as quantidades de matrimônios e as relações extraconjogais, vivenciadas e tratadas com certo orgulho, como se atestassem a masculinidade dos que falam.

Os homens, na senescência, sofrem com a perda de potência, seja ela a de trabalho, sexual ou a dos corpos. No que tange a sexualidade, a imagem do homem como sinônimo de virilidade e masculinidade passa a ser um incomodo quando o homem, não conseguem dar conta de sustentar essa ideia idealizada, seja por motivos físicos ou psicológicos (Fernandes; Garcia, 2011).

Em oposição, as mulheres costumeiramente falam do seu matrimônio, indicando cumplicidades e sinais de um amor romântico. Contaram sobre o marido, como se conheceram e o que faziam quando o parceiro ainda estava vivo, e sobre o que fizeram depois de se tornarem viúvas. Podem indicar, por exemplo, o papel social da mulher na sociedade patriarcal.

Apesar das diferenças no relato, o matrimônio, ou melhor, a condição de ser esposa além do “até que a morte os separe”, é ponto comum entre as falas das mulheres. Os corpos femininos, socialmente são oprimidos para assumirem esse papel e função, podendo enxergar a sexualidade apenas como ligada ao prazer masculino, ou para fins de uma função materna, sofrendo na velhice com a perda desses dois elementos que significavam sua vida (Fernandes; Garcia, 2010).

A sociedade permite uma maior interação e liberdade sexual para os homens, inclusive essa diferença foi percebida na “carne” dos estagiários que coletaram as falas. As histórias com maior teor sexual, ou ao menos mais explícitas, foram contadas majoritariamente para o

pesquisador homem, tanto pelos velhos quanto pelas velhas. A pesquisadora colhia relatos acerca das vivências, das relações matrimoniais e de trabalho, bem como do cotidiano que os cercava na instituição.

Na reta final da construção desse trabalho, a memória e o quanto ouvir atentamente a história desses velhos, bem como colher, valorizar e armazenar esses relatos se mostraram importantíssimos, para os pesquisadores, para os que ali trabalham, mas principalmente para os que ficam.

Em apenas 20 dias, a instituição que serviu como local de pesquisa sofreu com a morte de dois dos seus internos. Dona Cláudia e Seu Jairo faleceram e levaram consigo, mesmo que momentaneamente, o tom e a cor descontraída da instituição.

“Meu irmão que estudou, meu pai dizia que era importante, mas eu não fui pra frente. Tenho irmão bem de vida, irmão cantor, conhece o Zé Canhoto e Robertinho? Robertinho é meu irmão!” (Seu Jairo)

“Eu vim dos índios, lá de Areia Branca. Você conhece? Morro de saudade de lá, da água, da mata, da areia, vim quando tinha 8 anos pra cá. Vim chorando e dizendo ‘eu não quero ir mamãe’.” (Dona Cláudia)

“A gente tem que ser querido na vida, é a única coisa que importa. As pessoas gostam de mim. O Seu Jairo é bem conhecido” (Seu Jairo)

“Vem ver as minhas bonecas que eu tenho! São bonitas né. Agora arruma meu rádio? Ele não tá mais falando, aquela mulher branca deixou ele cair” (Dona Cláudia)

Dentre as memórias generosamente cedidas por eles, se destacam as risadas e alegrias. Alegria da Dona Cláudia em receber um presente nosso e guardá-lo ainda com embalagem, alegria em ouvir e pedir sua música favorita “Mãe Amorosa” e em nos convidar para a festa do seu aniversário. Também a alegria do Seu Jairo em finalmente, apesar do receio, tocar um instrumento musical, ou seu sorriso largo ao vencer as partidas de bisca, jogo esse que ele nos ensinou.

3 Considerações

Alguns fatores se solidificam como fundamentais no trato do idoso e sua sexualidade. O primeiro deles é sem dúvida a importância do vínculo entre o velho e os pesquisadores. Um complexo tão reprimido socialmente, ainda mais nessa fase da vida, requer grande confiança para ser abordado. Essa confiança somente pode ser conquistada através do tempo cronológico, dedicação e a paciência para esperar o vínculo ser construído e elaborado.

Para tanto, aquele que vai de encontro aos velhos, o pesquisador, deve estar livres de conceitos a priori, de ideologias que concebem o velho como figura passiva e pacífica, e aberto para o verdadeiro encontro com essas pessoas, suas histórias e memórias.

Os velhos têm na memória a fonte de maior prazer. Efetuando um dualismo entre memória e sexualidade, construindo e reconstruindo suas histórias de vida, não excluindo esse mecanismo na elaboração sobre a sexualidade.

A coleta das informações acerca da sexualidade dos velhos revelou uma grande diferença entre a sexualidade do homem e da mulher. O homem, naturalmente desinibido sexualmente, graças a sociedade em que se vive, aborda sua sexualidade como o ato sexual em si, valorizando a posição de virilidade e masculinidade frente e sobre os corpos femininos.

Enquanto as mulheres, moldadas a uma posição de subserviência, principalmente nas décadas passadas, exprimem e associam a sexualidade ao matrimônio, a vida com o marido, sendo impossibilitadas pela sociedade de vivenciar plenamente seus desejos. Esse recorte, dos participantes de uma instituição de longa permanência, aborda os velhos, mas extrapola esse grupo, desvelando a construção social tão bem alicerçada no patriarcado.

Por fim, cabe pensar nas possibilidades para a compreensão dos idosos como seres sexuais. A educação acerca da sexualidade do velho deve ser tratada com máxima importância, afinal, o envelhecimento é natural a todos os indivíduos. De modo que os homens e as mulheres, ao adentrar na senescênci, possam descobrir novas formas de exercerem sua sexualidade.

Para além do objetivo central, este trabalho revelou o aspecto dinâmico do processo de pesquisa e dos pressupostos teórico-metodológicos empregados. Percebeu-se o quanto o tempo é suprimento essencial para o vínculo do pesquisador - a chave para uma aproximação que respeite a objetividade científica e a subjetividade humana. Este manejo facilitou o acesso ao rico acervo de memórias que emergem em forma de experiências emocionais, neste caso, que dizem sobre a sexualidade por todas as Idades da Vida. Mesmo não sendo pensado como pesquisa formal, o trabalho foi ganhando contornos a partir do olhar atento dos Psicólogos em formação e de seu professor supervisor. Há, portanto, uma relação de trocas intersubjetivas que demarcam o fortalecimento dos aspectos culturais do envelhecimento. Enquanto cada trecho fora sendo escrito, a emergência de algumas memórias foram sendo interrompidas pelo destino inexorável da morte. Assim, o Luto do pesquisador emerge como possível tema dos nossos trabalhos futuros. Um grande exercício de perder e ganhar.

Referências

- Ariès, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.
- Arnold-Cathalifaud, M. et al. Young People's Images of Old Age in Chile: Exploratory Research. **Educational Gerontology**, v. 34, n. 2, p. 105–123, 28 jan. 2008.
- Barbosa, C. S. P. et al. Sexualidade da Pessoa Idosa: Vivências de Profissionais de Saúde e Idosos. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, p. e83845, 16 dez. 2022.
- Bosi, E. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2023.
- Bourdieu, P. **La miseria del mundo.** Madrid: Ediciones AKAL, 1999.
- Brandão, C. R. **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1988.
- Brasil, MDASFCE. **Nota Informativa N°5/2023 Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família: Envelhecimento e o Direito ao Cuidado.**
- Butler, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** São Paulo: Editora José Olympio, 2018.
- Evangelista, A. da R. et al. Sexualidade de idosos: conhecimento/atitude de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, p. e03482, 29 jul. 2019.
- Fernandes, M. Das G. M.; Garcia, L. G. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, p. 879–890, dez. 2010.
- Fernandes, M. Das G. N.; Garcia, L. G. O corpo envelhecido na percepção de homens idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, p. 472–477, jun. 2011.
- Foucault, M. **Vigiar e Punir.** Lisboa: Leya, 2013.
- Freud, S. **Freud (1917-1920) - Obras completas volume 14: “O homem dos lobos” e outros textos.** Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. **Totem e tabu.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.
- Freud, S. **Freud (1901-1905) - Obras completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos.** 1^a edição ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Godoy-Pozo, J. et al. Experiências dos prestadores de cuidados a idosos institucionalizados durante a pandemia de COVID-19: uma perspectiva qualitativa. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, p. e92879, 27 nov. 2023.
- Goffman, E. **Manicômios, prisões e conventos.** São Paulo: Perspectiva, 2019.
- Goldmann, L. **Ciências Humanas e Filosofia: o que é sociologia?** São Paulo: Difel Difusão Editorial S. A., 1979.

Júnior, E. V. De S. et al. Influence of Sexuality on the Health of the Elderly in Process of Dementia: Integrative Review. **Aquichan**, v. 20, n. 1, p. e2016–e2016, 13 mar. 2020.

Minayo, M. C. De S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

Morin, E. Contrabandistas dos Saberes. Em: PESSIS-PASTERNAK, G. (Ed.). **Do Caos à Inteligência Artificial**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. p. 83–94.

Neri, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2001.

Oliveira, P. DE S. “Memória e sociedade”: ciência poética e referência de humanismo. **Psicologia USP**, v. 19, p. 51–58, mar. 2008.

Pascual, C. P. **A sexualidade do idoso vista com novo olhar**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Rios, F. D. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, v. 5, n. 1, p. 1–22, 2013.

Sales, I. X. Dos S. et al. Metodología da problematización no ensino remoto para debater sobre infecções sexualmente transmissíveis em idosos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 48, p. e003, 22 jan. 2024.

Simson, O. R. De M. Von et al. **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

Souza, M. F. De; Whitaker, D. C. A. **El Diario de Campo como registro etnográfico de la aprehensión de las relaciones de dominación en el contexto del trabajo social educativo**. Estudios etnográficos de las políticas públicas en contextos educativos. **Anais...** Em: III CONGRESO DE ETNOGRAFÍA Y EDUCACIÓN. Traficantes de Sueños, 2014.
SOUZA JÚNIOR, E. V. DE et al. A sexualidade está associada com a qualidade de vida do idoso! **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, p. e20201272, 9 jul. 2021.

Uchôa, Y. Da S. et al. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, p. 939–949, dez. 2016.

Vieira, K. F. L.; Coutinho, M. Da P. De L.; Saraiva, E. R. De A. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 196–209, mar. 2016.

Whitaker, D. C. A. et al. A Transcrição da Fala do Homem do Campo: fidelidade ou caricatura. **Cadernos de Campo**, v. 2, n. 3, 1995.

Whitaker, D. C. A. **Sociologia rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

Whitaker, D. C. A. **Envelhecimento e Poder**. 1ª edição ed. Campinas: Alínea, 2007.

Revista



Diálogo Acadêmico
sobre Educação Sexual e Sexualidade

Whitaker, D. C. A.; Fiamengue, E. C.; Velôso, T. M. G. (EDS.). **Ideologia & Esquecimento: Aspectos Negados da Memória Social Brasileira.** Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2010.